

## SANTOS E DEMÔNIOS:

### Religiosidade Popular e a Memória do Cangaço no Sertão do Rio São Francisco<sup>1</sup>

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá

Departamento de História

Universidade Federal de Sergipe

afsa@ufs.br

#### ABSTRACT

In the midst of the rich oral tradition about the social banditry in the Northeast of Brazil, it has called my attention how the social banditry has been incorporated by popular religiosity. After reading about the subject, I noticed that this dimension of social banditry has not been approached properly by Brazilian historians. It is, therefore, necessary to understand how social banditry has been part of the daily life of those who lived it and made it history, as well of those who recreated its cultural universe.

In this paper, I would like to focus – by using photographs and interviews - on how popular religiosity has turned, at the same time, social bandits into religious places in the backlands of the Northeast.

This research tries, therefore, to understand, without prejudices, the wishes and hopes of the backlands Northeasterners, specially their collective representations, their religious symbols, their images and their perceptions, in one word, the horizons of their imaginary and the expressions of their world view.

**Key-words: memory; social banditry; popular religiosity in the Northeast of Brazil.**

Nas muitas viagens pelo sertão nordestino, proporcionadas pelo meu envolvimento na construção do Centro de Documentação e Pesquisa do Baixo São Francisco (CENDOP), vinculado ao Programa Xingó, durante o biênio 1999-2000, o que mais me chamou a atenção foi a forte presença do cangaço na tradição oral da região. Entendida como um agregado de costumes, crenças e práticas transmitidas oralmente para contribuir com a continuidade de determinado grupo social e a construção de sua visão de mundo, a tradição oral deve ser tomada como patrimônio cultural, pois é pela palavra falada e cantada que se transmite de geração a geração a soma de conhecimentos sobre a natureza e a vida, os valores morais da sociedade, a concepção religiosa do mundo, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, a lenda, a poesia.

É na memória coletiva que se guarda esse tesouro cultural no Sertão do Nordeste brasileiro, em que a história aparece intimamente ligada à consciência social, na medida

---

<sup>1</sup> *Prepared for delivery at the IX Congress of Brazilian Studies Association, Tulane University, New Orleans, Louisiana, USA, March 27-29, 2008 (www.brasa.org).*

em que há uma continuidade entre a evocação do passado e o presente da vida da comunidade. Entretanto, estas imagens de continuidade ininterrupta costumam ser meras ilusões, na medida em que a transmissão da memória social é um processo de evolução e mudança.

Ao ler a historiografia sobre o cangaço, chamou-me a atenção o fato de o cangaço ser abordado de forma marginal por historiadores nacionais, especialmente em seus aspectos culturais e religiosos. Dentre as inúmeras possibilidades de pesquisa na região onde deram cabo de Lampião e seu bando, identifiquei algumas manifestações religiosas na cidade de Poço Redondo (SE), que remetem à memória do cangaço. De um lado, a Missa do Cangaço na Grota de Angico realizada em memória de Lampião. De outro, a transformação de um local de morte dos soldados volantes pelo bando de Corisco, em 1936, na Estrada de Currálinho, em local de devoção, com ex-votos e fitas amarradas em suas cruzes.

Nesta comunicação, fixar-me-ei na análise da Missa do Cangaço como espaço privilegiado para se pensar as batalhas da memória no sertão nordestino, pois, como a religião ocupa um lugar privilegiado enquanto produtora de sentido da existência coletiva, o que vemos é uma mescla entre misticismo, coronelismo, cangaceirismo, que constituem a base do imaginário popular do Sertão, repletos de simbolismos, mitologias, lendas, utopias, sonhos e esperanças<sup>2</sup>.

#### A MISSA DO CANGAÇO NAS BATALHAS DA MEMÓRIA (1998-2007)

Durante o centenário de nascimento e dos 60 anos de morte de Lampião (1998), percebi, em cada estado ou cidade, nas quais se registrou a passagem do bando de Lampião, uma certa preocupação em demarcar na *geografia do cangaço* a especificidade de sua participação no fenômeno social do cangaço. Foram realizadas atividades comemorativas - seminários, projeção de filmes, apresentação de peças de teatro e festas – sobre Lampião em várias cidades nordestinas como Juazeiro do Norte, no Ceará, Triunfo e Serra Talhada, em Pernambuco, Paulo Afonso, na Bahia, e Poço Redondo, em Sergipe.

---

<sup>2</sup> MENEZES, Eduardo D. B. de. O Imaginário Popular do Sertão: Rumos para uma pesquisa em antropologia histórica. In: **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. XXIII/XXIV, números ½, 149-212, 1992-1993.

Estes eventos comemorativos em torno da figura de Lampião possibilitaram pensar como as comemorações são especialmente ricas para a reflexão historiográfica, na medida em que proporcionam um balanço do que já foi feito e indicam novas contribuições para a compreensão histórica. Comemorar deve ser entendido aqui como um ato de problematizar a memória instituída e não solidificá-la, inscrevendo-a nas contradições da história dos homens em suas múltiplas e possíveis interpretações. A destruição de certas memórias e a construção de outras atesta que há diferenças em seu seio, associadas aos diversos grupos humanos, com seus projetos, fantasias e possibilidades<sup>3</sup>.

Patrícia Sampaio Silva já havia enfatizado que o cangaço é um terreno privilegiado do imaginário social, na medida em que há um leque de representações a partir do desdobramento de um mesmo símbolo. Para ela, o cangaceiro é um símbolo contraditório associado a múltiplas representações que vão do bandido sanguinário ao bandido social, do justiceiro ao mau-caráter sem escrúpulos, tornando-se, portanto, aberto a várias ressonâncias<sup>4</sup>.

Antes mesmo da criação da Missa do Cangaço na Grotta do Angico, em 1998, a história do município de Poço Redondo no sertão sergipano já havia sido determinada por algumas passagens do bando de Lampião nos anos 1930, que marcaram indelevelmente a memória dos sertanejos da localidade como o “*Fogo de Maranduba*”, em 1932, a morte de Lampião, em 1938, e a ascensão e queda do ex-cangaceiro Cajazeira, “*Zé de Julião*”, na política local nos anos 1950. Inclusive, com iniciativas das autoridades municipais e estaduais de institucionalizar essa memória do cangaço com a inauguração da Praça Lampião, em 1988, e o tombamento da Grotta de Angico como patrimônio histórico-cultural pela Constituição Estadual de 5 de outubro de 1989, no seu artigo 229. Há aqui, por parte do poder local, a busca de um “resgate do passado, (re)construído pelo presente mediante a patrimonialização dos elementos culturais locais”<sup>5</sup>. A procura de uma rentabilidade simbólica por parte dos governos locais e estaduais visa, ao

---

<sup>3</sup> SÁ, Antônio Fernando de Araújo. CANUDOS PLURAL: Memórias em confronto nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997). **Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB**. Brasília, v. 5, n. 1, 1997, p. 9.

<sup>4</sup> SILVA, Patrícia Sampaio. Le symbole et ses diverses résonances: analyse de l'historiographie du Cangaço. **Revue Histoire et Société de l'Amérique Latine**. Paris, Amérique Latine: Expériences et Problématiques d'Historiens (A.L.E.P.H.)/Université de Paris 7, n° 4, mai 1996.

<sup>5</sup> ANICO, Marta. PATRIMÓNIO, TURISMO E POLÍTICAS CULTURAIS AUTÁRQUICAS. CONFLITUALIDADE OU CONVERGÊNCIA DE INTERESSES? In: **IV CONGRESO VIRTUAL DE ANTROPOLOGÍA Y ARQUEOLOGÍA Naya**. Octubre del 2004. Capturado no endereço eletrônico <http://www.naya.org.ar/congreso2004/autores.htm>.

mesmo tempo, a legitimação das suas opções políticas, bem como uma visão de rentabilidade econômica, na medida em que o patrimônio aparece como fator de promoção local e captação de fluxos turísticos e, como consequência, de desenvolvimento local.

Seguindo essa trilha, o prefeito de Poço Redondo, Enoque do Salvador, com a participação decisiva do pesquisador local Raimundo E. Cavalcanti, reinaugurou a Praça Lampião, em julho de 1998. Nessa reforma foram inseridas informações históricas de Lampião sobre a sua trajetória no município, desde o Fogo de Maranduba até o Massacre da Grotta do Angico. Neste sentido, buscou-se demarcá-los como lugares de memória, através de veiculação de um mapa, objetivando torná-los como pontos histórico-turísticos do município. Segundo Raimundo Cavalcanti, “esse espaço é muito importante, porque, além de servir de atrativo turístico pra o município de Poço Redondo, é também um testemunho de um pedaço da história do Nordeste e que tem uma dimensão muito importante da vida da população local”<sup>6</sup>.

Nesta época, Alcino Alves Costa lembrara a resistência da população ante as homenagens à Lampião. Segundo ele, “as famílias de Poço Redondo, o Povo desse Sertão do São Francisco em sua grandiosa maioria, praticamente mais de 95%, eles não gostam da História do Cangaço e nem gostam dos Cangaceiros de Lampião e seu grupo”. Entretanto, a partir destas comemorações do centenário de nascimento de líder cangaceiro e a luta pela manutenção da Praça de Lampião, aos poucos a população tem percebido a sua importância para a história do Brasil e a potencialidade de desenvolvimento turístico para o município. Em suas palavras, “Hoje o povo aceita de bom grado essa homenagem que foi feita ao grande bandoleiro da Serra Talhada”<sup>7</sup>.

Ao lado desta preocupação patrimonial que colabora para forjar uma identidade local, também se realizou o *I Seminário sobre a História do Cangaço*, com a participação de estudiosos como Antônio Amaury, Alcino Alves Costa e Anderson Nascimento, ex-cangaceiros (Sila, Adília e Candeeiro), ex-volantes (Zé de Panta) e ex-coiteiros (Manuel Félix), além de familiares de Lampião, como a sua filha Expedita Ferreira.

No dia em que se completaram os 60 anos de da morte de Lampião, em 28 de julho de 1998, celebrou-se a *Missa para Lampião* na Grotta de Angico, onde falecera. Na ocasião, o prefeito de Poço Redondo também inaugurou uma placa em homenagem a todos que tombaram no combate de 28 de julho de 1938, evidenciando a intensa

---

<sup>6</sup> Entrevista de Raimundo Eliete Cavalcanti ao autor. Poço Redondo, 5 de junho de 1999.

<sup>7</sup> Entrevista com Alcino Alves Costa ao autor. Poço Redondo/SE, 13 de junho de 1999.

negociação entre os poderes constituídos e a sociedade envolvente, pois a valorização patrimonial faz com que as populações reclamem a constituição de elementos patrimoniais percebidos como símbolos das suas vivências singulares.

Na leitura do ministrante da 1ª Missa do Cangaço, Padre Eraldo Cordeiro, vemos certa aproximação com a historiografia marxista sobre o cangaço, especialmente com as obras de Rui Facó e Eric Hobsbawm: “(...) *Aqui, em Angico, terminou um movimento social que abalou o país por muitos anos. O Cangaço não existia (sic), se houvesse justiça no país e agora, neste lugar onde Lampião foi morto há 60 anos, vamos pedir a Deus, que ilumine os homens poderosos do Brasil de hoje, para haver bom senso nas decisões políticas, pois em cada nordestino, pulsa um Virgulino sentindo falta de luz*”<sup>8</sup>. Assim, as condições sociais que determinaram a emergência do cangaço ainda se mantêm, o que revela a atualidade da rebeldia do cangaço, segundo o padre.

Deste modo, com base no conceito de “*escudo ético*”, tal como proposto por Frederico Pernambucano de Melo<sup>9</sup>, elabora-se uma leitura em que os cangaceiros enfrentavam a injustiça social dos tempos do coronelismo e buscavam vingar alguma afronta a sua honra. Ao caracterizá-lo como movimento social, o padre se aproxima da leitura marxista do cangaço, cuja matriz está presente nas obras dos historiadores anteriormente citados. Na terceira Missa do Cangaço, o mesmo padre reitera sua leitura da luta de Lampião a favor dos oprimidos, afirmando que “Lampião nos ensina a ser valentes, não baixar a cabeça para os poderosos que estão matando as pessoas carentes”. Em sua fala, o padre sugere que “Lampião não era só um pedaço do sertão. Ele representa uma fase de uma revolução que precisa crescer dentro de nós”<sup>10</sup>.

Essa fala conduz-nos a pensar que as Missas do Cangaço seguem de perto a simbologia das Romarias da Terra, realizadas, desde a década de 1980, por padres ligados à Teologia da Libertação. Uma destas Romarias é a de Canudos, que exalta a figura de Antônio Conselheiro e a experiência social de Canudos. No caso da Missa do Cangaço, utilizam-se oferendas ligadas ao sertão e os devotos também não dirigem suas preces a nenhum santo canonizado pela Igreja Católica e sim à memória de um morto que em vida foi um fora da lei.

---

<sup>8</sup> CAMPOS, Wanessa. Missa para Lampião emociona em Anjico (sic). **Jornal do Commercio**. Recife/PE, 02 de agosto de 1998.

<sup>9</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem Foi Lampião**. Recife/Zurique: Editora Stahli, 1993.

<sup>10</sup> MATTOS, Avelar. Missa marca os 62 anos da morte de cangaceiros. **Jornal da Cidade**. Aracaju/SE, 29.07.2000, p. B-2.

Roberto Da Matta faz interessante aproximação entre os nossos cangaceiros e bandidos sociais com peregrinos, como Antônio Conselheiro, que se revelaram capazes de produzir uma outra realidade, ou seja, um projeto alternativo de um mundo novo. Tanto o peregrino quanto os bandidos sociais rezam e caminham em busca da terra da promessa, onde os homens e mulheres finalmente encontrarão um lugar para realizar seus sonhos de justiça social<sup>11</sup>.

Assim, nas Missas do Cangaço, como nas Romarias de Canudos, a Igreja Católica recupera esta leitura em que a sua principal tarefa foi difundir o reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania.

Neta de Lampião e Maria Bonita, Vera Ferreira é a principal incentivadora destas iniciativas memoriais. Para ela, o importante é rever a imagem construída pelo seu avô como facínora, próxima de sua demonização. Em entrevista ao jornal sergipano CINFORM, a jornalista elabora interessante associação da luta de Lampião com a do MST: “Eu fico preocupada quando colocam hoje o cangaço como uma forma de banditismo. Tratam-se de coisas diferentes. Eles foram homens que disseram não à situação. Quando eu vejo sem teto e sem terra se rebelarem, aí sim, vejo uma forma de cangaço. Não os traficantes e os Fernandinhos Beira-Mar que a imprensa idolatra. Isso nunca foi cangaço, mas produto da impunidade”<sup>12</sup>.

Aliás, essa junção também está presente nas falas de Anildomá Souza, presidente da Fundação Cultural Cabras de Lampião e produtor do evento “Tributo a Virgulino”, que se realiza em julho de cada ano, desde 1997, em Serra Talhada/Pernambuco. Em 1998, em entrevista ao **Estado de São Paulo**, Anildomá Souza voltou a insistir numa possível “relação histórica” entre o MST e o cangaço: “Os dois movimentos chamaram a atenção para o abandono do sertão”<sup>13</sup>.

Essa reelaboração da memória do cangaço realizada nas Missas do Cangaço já havia sido percebida pela historiadora M. Wiesebron, quando afirma que as memórias publicadas a partir dos anos 70 por pessoas ligadas diretamente ao cangaço – ex-cangaceiros, ex-volantes, ex-militares – ou seus descendentes devem ser lidas com bastante cuidado, pois, em grande parte, percebe-se evidente influência dos debates

---

<sup>11</sup> DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 206.

<sup>12</sup> MARTINS, Flávia. Herdeiros do cangaço. In: **CINFORM**. Aracaju/SE, 28/07 a 3/08 de 2003 (Caderno Cultura e Variedades).

<sup>13</sup> ATHIAS, Gabriela e LUIZ, Edson. Sertão ainda convive com cenário de Lampião. **O Estado de São Paulo**. 12 de julho de 1998.

historiográficos produzidos em torno do tema, principalmente da obra de Eric Hobsbawn, como é o caso de Sila<sup>14</sup>.

Interessante lembrar que há também uma transformação mitológica do cangaceiro Jararaca, ex-membro do bando de Lampião, em herói e santo na comunidade de fiéis de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Depois de morto após o assalto do bando de Lampião em Mossoró, Jararaca, como era conhecido José Leite Santana, torna-se santo milagreiro capaz de resolver tanto questões amorosas, quanto financeiras. Essa prática religiosa se dá no dia dos mortos no cemitério de Mossoró, quando os devotos rezam pela alma do jovem cangaceiro. O interessante nesta devoção é que o passado cangaceiro não era visto depreciativamente, mas sim como um componente atrativo para a composição do herói. Segundo a Kesia Alves, os “depoimentos confirmam as graças recebidas pelo jovem cangaceiro”. As lembranças dele, contudo, o colocam como malvado dentro do bando de Lampião, mas sua transformação em santo se dá quando o cangaceiro é traído e enterrado vivo por um grupo de policiais<sup>15</sup>.

Aqui o sincretismo religioso se faz presente nas práticas religiosas, na medida em que, no catolicismo popular, se estabelece uma leitura particular dos símbolos católicos por parte dos fiéis que vão ao túmulo de Jararaca, demonstrando que eles não precisam da sanção da Igreja Católica para transformar uma pessoa que transgrediu as normas em vida em santo.

A Missa do Cangaço, ao convidar ex-volantes, ex-coiteiros e ex-cangaceiros, ocupando o mesmo espaço de visibilidade, sugere uma tentativa de apaziguamento das batalhas da memória em torno do fenômeno, buscando conquistar certo consenso para a concretização de iniciativas memoriais como o Museu do Cangaço ou um Centro de Referência do Cangaço. Tal proposta busca, ao mesmo tempo, transformá-lo em produto de consumo para o turismo.

Neste sentido, é significativa a entrevista realizada pelo jornal CINFORM, de Aracaju, com os sobreviventes do mundo do cangaço: o cangaceiro Candeeiro e o soldado volante Antônio Vieira da Silva. O encontro surpreendente mostra que ambos buscam

---

<sup>14</sup> WIESEBRON, Marianne. Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo em nível nacional e internacional. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 24, n. 2, jul./dez. 1996, p. 434.

<sup>15</sup> ALVES, Késia Cristina França. **O Santo no Purgatório: A transformação mitológica do cangaceiro Jararaca em herói**. Natal/RN: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005 (Dissertação de Mestrado), p. 22.

esquecer o passado de ex-inimigos para uma convivência no presente visando o resgate de diferentes visões sobre a memória do cangaço<sup>16</sup>.

Mas as batalhas da memória do cangaço se fizeram presentes entre os próprios ex-cangaceiros durante o debate no 1º Seminário sobre a História do Cangaço em 1998, quando “Candeeiro disse que, dias antes do episódio da Grota dos Angicos, Lampião havia lhe confidenciado que pretendia deixar o cangaço”. Inconformada com a informação, Sila afirmou que “Lampião não contaria um segredo desses para um homem que não era de sua maior confiança”<sup>17</sup>.

No geral, a proposta que emerge dos seminários sobre o cangaço e a Missa do Cangaço é a construção da idéia de turismo cultural como ferramenta para o desenvolvimento local, em que se respeitem os direitos comunitários dentro do turismo. Nos Seminários sobre a História do Cangaço realizados ao longo desta última década, há uma clara preocupação em formar uma mão-de-obra local para atender a demanda turística de jornalistas, pesquisadores e curiosos, como o curso para Agentes de Desenvolvimento Turístico de Poço Redondo durante o 4º Seminário, em 28 de julho de 2006, com o apoio do SEBRAE, da Prefeitura Municipal de Poço Redondo e do Banco do Estado de Sergipe.

Neste sentido, existem ainda iniciativas que valorizam a produção artesanal local, especialmente um projeto liderado por Vera Ferreira e a designer Germana de Araújo com costureiras e bordadeiras para resgatar a estética do cangaço, produzindo bolsas, bornais e roupas. Parte deste material pode ser encontrada nas lojas de artesanato do Centro de Arte e Cultura na Orla da Atalaia e no Aeroporto de Aracaju.

Ao mesmo tempo, foram criados pacotes turísticos para seguir as trilhas do cangaço na região onde Lampião morreu. Por exemplo, o Xingó Parque Hotel oferece um pacote que inclui passeio no catamarã Pomonga até a entrada do Sítio Duas Irmãs, de onde os turistas encontram um guia turístico que os levam até a Grota de Angico<sup>18</sup>.

Do ponto de vista da influência do fenômeno na esfera cultural, as iniciativas memoriais incentivaram às atividades folclóricas já existentes em torno do tema do cangaço, como foi o caso da criação do Grupo de Xaxado “*Na Pisada de Lampião*” de Poço Redondo. Sua proposta é desenvolver interessante trabalho de valorização da cultura popular

---

<sup>16</sup> CIFORM. Aracaju/SE, 3 a 9/08 de 1998, p. 9.

<sup>17</sup> MACHADO, Cassiano Elek. Briga de cangaceiros acaba em rosto colado. In: **Folha de São Paulo** 5 de agosto de 1998 (Ilustrada).

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Sílvia de. Aventura pelas trilhas do cangaço. **Jornal da Cidade**. Aracaju/SE, 27 e 28.07.2003, Caderno C (Turismo).

vinculado ao cangaço, com um auto teatral que divulga a memória de Lampião. Em um dos seus cantos, pode se ouvir a exaltação da valentia e a simpatia com os pobres, tal como proposto pelo padre Eraldo em suas missas do Cangaço: “Quanta saudade invadiu meu coração, ao lembrar de Virgulino cabra macho Lampião/ Foi cangaceiro cabra macho justiceiro correu o sertão inteiro com seu bando a arrepiar/ (...) Roubava os ricos para dar de comer os pobres sertanejos lá do norte que o povo consagrou”<sup>19</sup>.

Ao mesmo tempo, nesta cantiga aparece a religiosidade de Lampião como espelho fiel do catolicismo sertanejo que acreditava (e crê) em Padre Cícero como santo: “(...) Foi Padre Cícero Santo Padroeiro Protetor de Lampião, pelo sertão inteiro”.

Aliás, Billy Jaynes Chandler, em sua biografia sobre o rei dos cangaceiros, já afirmara que a fé de Lampião em Padre Cícero, fazia-lhe pregar retratos do líder religioso em suas roupas. Além dos livrinhos de oração e santinhos guardados em sua carteira, Lampião também usava escapulários, pendurados no pescoço<sup>20</sup>.

É interessante observar que o rico *folclore do cangaço* articula relações sutis entre memória e corpo, como é o caso do xaxado, dança originária dos estados de Pernambuco e Bahia, com repercussão em Sergipe, e associada a Lampião e seu bando. Como se observa no próprio mito grego de Mnemosyne, em que existe jogo e música, dança e poesia, representação e movimento, penso ser factível afirmar que a memória performativa é também corporal, propondo que o xaxado busca reencenar ritualmente o cangaço, demonstrando que a *reencenação* ritual é fundamental para a configuração da memória comunitária, na medida em que as cerimônias devem funcionar de forma persuasiva e que seus participantes devem estar a ela habituados<sup>21</sup>.

Em julho de 2001, na capital do Estado de Sergipe, foi realizado o Baile do Cangaço no Centro de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe, com o grupo Bago de Jaca homenageando Lampião como um dos grandes incentivadores da dança do xaxado<sup>22</sup>.

Todavia, a luta memorial em torno do cangaço no sertão do São Francisco encontra sérios obstáculos do ponto de vista institucional, que, às vezes, impossibilita a realização do Seminário sobre a História do Cangaço, como foi o caso do ano de 2004.

---

<sup>19</sup> Texto mimeografado gentilmente cedido pelo pesquisador Raimundo E. Cavalcanti.

<sup>20</sup> CHANDLER, Billy J. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 232-234.

<sup>21</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. O esquecimento da memória. In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 153: 143/147, abr.-jun., 2003; CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. 2ª edição. Oeiras: Celta, 1999.

<sup>22</sup> MENDONÇA, Valéria. O Cangaço motiva Baile. **Jornal da Cidade**. Aracaju/SE, 26.07.2001, Caderno C.

A figura de Lampião permanece, assim, enquanto campo de disputa na memória coletiva. Fica evidenciada, nas diferentes versões sobre ele presentes na mídia, na tradição oral, na celebração da Missa ou na própria historiografia, a proposição de Marc Ferro de que a dimensão da disputa, do controle é uma marca permanente da história. A representação do passado que predomina na memória coletiva e individual tem uma significativa participação no governo do corpo individual e social<sup>23</sup>.

Nesta pesquisa, percebi a importância do jornalismo como espaço privilegiado no arquivamento e produção da memória contemporânea, o que proporciona o incremento das reflexões sobre a memória histórica, especialmente através das comemorações de alguns acontecimentos históricos relevantes, que propiciam novas leituras do passado em consonância com o presente vivido<sup>24</sup>.

De um modo geral, a Missa do Cangaço pode ser inserida numa operação de ressignificação do fenômeno histórico, visando demarcar na geografia imaginária do cangaço um discurso legitimador, reafirmando-o como luta contra os poderosos e, no limite, a ante-sala da revolução. Ao mesmo tempo, busca transformá-lo em produto de consumo para o turismo. Sob este último aspecto, percebe-se tentativa do apagamento das divergências em torno da memória do cangaço, especialmente entre a “memória volante” e “memória dos cangaceiros”, e o estabelecimento de um relativo consenso sobre a importância do resgate turístico do cangaço para o desenvolvimento sócio-econômico do sertão do São Francisco.

---

<sup>23</sup> FERRO, Marc. **A História Vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>24</sup> ENNE, Ana Lúcia. Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa. In: BARBOSA, Marialva (org.). **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho** (GT Jornalismo). Florianópolis: 15 a 17 de abril de 2004.